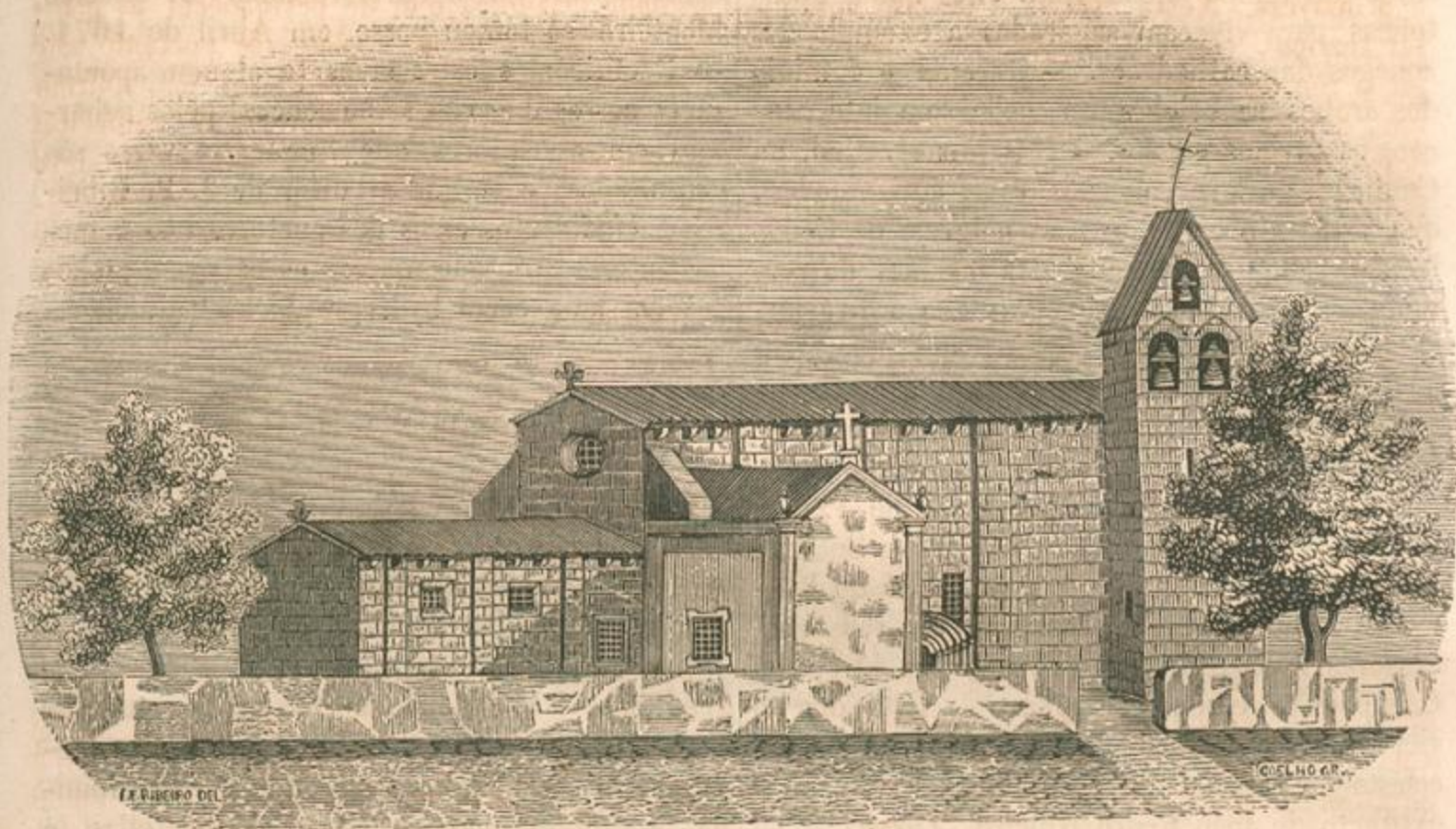




IGREJA DE CEDOFEITA.

PORTUGAL.

IX.

CEDOFEITA NO PORTO.

NEM só o grandioso da estrutura e a riqueza dos materiaes fazem celebres os edificios; as recordações historicas dão a uns cathogoria de monumentos; e a outros basta a veneranda antiguidade de sua fundação para serem estimados. Neste caso está a igreja de Cedofeita, hoje uma das freguezias da nobre cidade do Porto. Sobre qual fosse o seu fundador correm opiniões encontradas: as duas mais geraes apresenta D. Rodrigo da Cunha no *Catal. e Hist. dos Bispos do Porto*, 2.^a part. pag. 406 e 407; a primeira, citando Fr. Luiz dos Anjos, o qual diz ter sido levantado o templo pelo rei suevo, Reciaro, o primeiro catholico destes reis em Galiza, e que fôra educado na seita de Ario; dando-se por motivo de sua conversão a saude de um filho, que muito amava, recobrada depois de perigosa enfermidade por virtude da devoção, que por conselhos tomára com S. Martinho, bispo de Tours; e conta-se que ao mandar vir de França uma reliquia do santo fizera logo começar a igreja, a qual tão prestes se apromptou que ao chegar a reliquia já estava concluida, donde lhe veio [dizem] o nome de *citòfacta* ou *Cedofeita*. S. Gregorio Turonense, referindo a vida de S. Martinho, diz que esta obra se fizera de um modo portentoso. — A segunda é de Fr. Bernardo de Brito, que [*Mon. part. 2.^a liv. 6.^o cap. 12*] sem discrepar das circumstancias do

MAIO 28 — 1842.

milagre, tem para si que o rei de que falla S. Gregorio era Theodomiro (1), e a igreja edificada a de Dume junto a Braga. — S. Maximo, bispo de Saragoça, expressamente narra que a de Dume fôra erecta por ordem de Reciaro para se recolher S. Martinho a que chamâmos Dumiense, depois de ter prégado a fé em Portugal, e já depois de estarem as reliquias de S. Martinho Turonense em igreja, que não podia ser a de Dume, posteriormente construida. — O P.^o Agostinho Rebello na sua *Descrip. do Porto* traz inteira uma inscripção lapidar, collocada por cima da porta principal da igreja em 1767; no fim da mesma inscripção se diz ter sido trasladada de outra mais antiga e que constava dos archivos da collegiada, e no corpo della se relata com especificação que o rei suevo Theodomiro a fundára em 559, dedicando-a á honra de Deus e da Virgem, e a S. Martinho de Tours, recebendo ahi o baptismo com seu filho Ariamiro, porque ambos eram hereges arianos: lê-se mais que foi sagrada por Lucrecio prelado de Braga sob o pontificado de João 3.^o — Teve communidade de conegos que abraçaram a rægra de St.^o Agostinho, e que em tempos remotos possuiram grandes rendas e privilegios, como o senhorio dos direitos de todo o pescado que se colhia desde Aveiro até Galiza: com o de-

(1) Na Chronologia dos Reis suevos offerece-se muitas duvidas: pela epocha da fundação de Cedofeita parece que Reciaro era o 2.^o do nome: Theodomiro foi o filho deste, Miro ou Ariamiro neto do primeiro, e alguns dizem que não houve tal rei e que era o mesmo Theodomiro. Tão confundida anda a historia daquelles tempos.

curso do tempo alcançaram elles bullas apostolicas para viverem separados a exemplo dos conegos das cathedraes. — Durante o dominio dos arabes se celebraram nella sem interrupção os divinos officios. « Mas [diz D. Rod. da Cunha] sem averiguarmos estas antiguidades, que estão tão longe de nós, a igreja de Cedofeita é collegiada e uma das insignes do reino. » — Salvas as recordações, não o dirá hoje quem olhar para o edificio, que nem tem architectura notavel, nem cousa que o recomende. Apontaremos de passagem que o mesmo Cunha a pag. 64 do citado catalogo, primeira edição, diz que em Abril de 1265, reinado de D. Affonso 2.º, deu Nuno Soares, abbade de Cedofeita e conego na Sé do Porto, ao bispo desta, D. Martinho, e a seus successores todo o direito que tinha na igreja de Campanhaã e seu padroado. — Este direito viera ao dito Nuno de seus maiores, como consta do *Censual* da sé do Porto, e vemos do extracto de João Pedro Ribeiro, *Dissert.* 19.ª a pag. 25 do vol. 5.º, onde se acha aquella doação feita sendo rei D. Sancho 2.º: alem desta prova bastava a data para se conhecer que não fôra no reinado antecedente. —

O P.º Rebello, querendo exaltar grandemente Cedofeita, a pag. 94 diz que em mais de doze seculos de duração [até o tempo delle] *nunca fôra reedificada!* — Cremos que tão pequeno e fraco edificio hade ter sido reparado: nem é, como pertendem o templo christão mais antigo do reino; porque, por exemplo, lá tem a sua incontestavel prioridade a sé bracharense. — Distingue-se tambem a collegiada de Cedofeita por muitos varões illustres que nella tiveram cadeira, entre elles o prior D. Nicolau Monteiro, natural do Porto, e bispo desta cidade, que fôra conselheiro d'estado, mestre dos filhos de D. João 4.º, e embaixador deste monarcha ao pontifice Urbano 8.º, advogando em Roma efficazmente a justiça de Portugal contra as pertenções de Castella, assim com a voz como pela penna publicando o livro *Vox turturis*. A este prelado de grandes virtudes deveu muito a diocese portuense. O P.º Carvalho na *Chorog.* tom. 1.º pag. 354 põe na serie dos bispos D. Nicolau logo immediato a D. Rodrigo da Cunha, 2.º do nome [o A. dos Catalogos], omitindo D. Fr. João de Valladares, transferido de Miranda, que succedeu a D. Rodrigo em 1627; D. Gaspar do Rego, seu successor em 1637; e os trinta e dois annos de sé vacante, em que o cabido nomeou governadores interinos, porque nem regeu D. Francisco Pereira Pinto, nomeado por Philippe de Castella, nem Sebastião Cesar de Menezes, escolhido por D. João 4.º, durando então as

contestações com a curia romana. D. Nicolau Monteiro só tomou posse em Abril de 1671. — Rectificâmos estes erros [e alguém apontará os nossos que não serão poucos] pelos acharmos em escriptores que frequentes vezes são consultados, e porque ao dizer de J. P. Ribeiro — « indicar os erros dos auctores não é menos interessante que marcar os baixos e cachopos em uma carta hydrographica » (2).

A POESIA E A HISTORIA.

1.º

QUE este nosso seculo tem caracteres, propensões e tendencias que essencialmente o distinguem e estremam de todos os passados, muitos e muito bem o tem explicado — alguns entendido — e todos ouvido. Que a litteratura de hoje não pôde ser a de hontem, e muito menos outra já caduca, arrastadinha e moribunda, apesar de quantos gritam ahi por ellas, é cousa geralmente comprehendida, e bem o é e hade ser, que naturalmente vem como consequencia do que primeiro dissemos. Duas perguntas se seguem por tanto. —

Qual deve ser a nova litteratura? — e quaes as vantagens que resultarão da sua applicação ao actual comparado com o antigo?

Não ensaiaremos o responder. Sobre ser longo, e porventura muito mais do que á primeira vista julgarão, cresce as poucas forças que sentimos em nós para tanto. Unicamente consideraremos uma parte, talvez a mais bella, tambem a menos considerada hoje, em que o positivo é tanto e a imaginação tão pouco, e consideralla-hemos não em relação ao todo, mas applicada um só ponto, á historia. Já n'outro logar o dissemos ora o repetimos: o poetiza-la é, a nosso entender, a maneira de a fazer facil e suavemente aprender a todos, sem, por assim dizer, se sentir. A maxima applicação deste principio cabe sem duvida ao nosso tempo e á nossa maneira de ver e de existir; a sua influencia porem tem data mais antiga, e tão antiga que nem sabemos onde ella se possa fixar: já occulta debaixo do penedo virgem, posto por mãos d'homens, como primeiros e rudes monumentos do mundo primitivo, ou depositada nas pedras que o progresso da civilisação foi aggregando: já escripta em paginas de marmore ou fundida no bronze e gravada no ferro: já adejando timidamente atravez dos arruidos theologicos e do seculo dos commentarios, ou voando com azas livres por esse mundo, que o milagroso invento de Guttenberg maravilhara e transformara de todos os modos: por todos os

(2) *Diss. Chron. e Crit.* 5.º vol. pag. 118.

tempos, em toda a parte vejo a poesia socia fiel da historia, acompanhando-a umas vezes, outras guiando-a — sempre inspirando-a.

Mal do que julga que o ser poeta é ajustar rimas ou combinar certas linhas chamadas versos; maior e melhor é seu encargo, tambem mais arduo e mais glorioso. Será bello o descantar sentado ao pé do humilde parreiral, quando o sol lá do occidente vermelho nos manda com o seu ultimo raio a nossa primeira saudade, ou quando as mansissimas aragens da tarde passando perfumadas trazem das balseiras da margem a florinha branca, virgem roubada ao seio materno, que aos pés nos vem cahir com tamanha magua e tamanho amor. Será grande, do alto d'um rochedo empinado sobre o oceano, descrever a tempestade de Deus a revolver os seios profundos do mar, ou pintar as choleras do Vesuvio, ou em tosca ermida aberta no seio d'uma rocha dos Alpes traçar o quadro tremendo da solidão e abandono da natureza cuberta de sua mortalha de gelos. — Será grande, será bello, mas não será util se o trovador da planicie não buscar nas melodias do terno alaúde amenisar costumes e inspirar virtudes; não o será tambem se o bardo das montanhas não procurar nas vibrações da harpa magestosa accender o amor das cousas heroicas e sublimes. Será porem util, será bello, será grande, e será verdadeiramente poetico, o applicar o dom quasi divino do nobre, do profundo, do altivo imaginar, a suavisar tristezas, a embalar e adormecer as dores do coração, a acalantar saudades e maguas nascidas e ervadas n'alma, e sobre tudo a citar e consignar exemplos do bom, do justo, do elevado e grandioso.

A religião caminhou sempre ao lado da historia; ao lado da religião a poesia. Esses dois fachos radiosos teem sempre illuminado as sendas tortuosas e escuras do viver passado. Por ellas se guiaram as gerações successivas — por ellas nos guiámos nós — por ellas e com ellas nasceu essa nunca interrompida serie de feitos e de acções, de idéas e de paixões, a que damos por nome « historia ». Mas a religião é tambem uma poesia, a mais antiga sem duvida e a mais do coração, tambem a mais acceita e a mais poetica. A poesia, portanto, influindo assim, sendo tão uma com a religião e a religião com a historia poderá ser já olhada, não só como influente, não só como guia e inspiradora, não só como socia constante, mas como fonte ou mãe della.

A sombra dos palmares do oriente notámos os santos bramenes atando a religião e a historia com os poeticos laços de seus hymnos symbolicos. D'entre os loureiros da sabia Gre-

cia lá sahem as fabulas engenhosas, evangelhos d'uma crença, e ainda mais evangelhos da historia e da sciencia. Que é o culto do fogo na Persia? que são os pagodes nas margens do Indo e do Ganges? que significam os hieroglyphicos do Egypto, as suas pyramides e os obeliscos da sua altiva Memphis? Que quer dizer Prometheu e Atlante, Jupiter e Minos? Que fazem pelos bosques celticos os druidas venerandos pregando na terra de suas affeições o *dolmen* misterioso? Que querem dizer os selvaticos e tempestuosos canticos d'Ossian? Que são o Olympo e o Sinai, Moysés e Solon, Noé e Deucalion? Cada povo e cada nação segundo sua indole criou uma poesia, na poesia a religião, na religião a historia. — Que foram naiades e hamadryades? Que eram sylphidas e ondinas? Que são fadas e moiras encantadas? — Que foram as grutas das sibyllas? Que era a mysteriosa caverna de Fingal? Que são bruxedos e feitiços? Que foi uma urna solitaria? Que era um monticulo de seixos no interior das selvas? Que são uma cruz grosseira erguida no meio d'uma encruzilhada ou encostada ao lado pedregoso de fundo e ermo carril? uma ermida derrubada? quatro paredes sem tecto nem abrigo? — Segui passo a passo, attento e d'olhos baixos por estradas e desvios a caminha historia, vereis sempre, sempre o rasto da poesia e da religião, como guias que pela mão a conduzem.

E se não fôra a poesia, a poesia nobre, a poesia d'alma, a exaltação sublime que arrasta um homem grande — com esse uma nação — com a nação toda uma epocha, como se acabariam esses extraordinarios feitos cuja só idéa é o mais elevado poema, que seja possivel não executar-se mas conceber-se, dos quaes espanta só o vê-los em sombra, e que por si mudaram a face das sociedades, e do sêr e pensar humano? — Muito é agora o que á pena sentimos correr. Resumiremos porem e buscaremos debaixo deste pensamento esboçar apenas succinto quadro.

Possuidos do espirito de Deus conduzem Moysés e Josué o povo hebreu á terra da promissão. Funda-se a existencia d'uma nação, nascem as leis com a crença organizada — permitta-se-nos a phrase — e os raios d'uma luz nova espalham-se e divergem para toda a parte. São porem ainda muitas e mui espessas as trevas, e o círculo em que essa luz fulgura é tambem estreito e circumscripto. Das bordas do antigo Lacio dois homens, a nosso vêr igualmente grandes, fazem um povo poderoso. Romulo organisa-o e torna-o aguerrido e temivel. Numa dá-lhe o germen da civilisação, dá-lhe leis e dá-lhe crenças. O poder de Roma trans-

torna, por assim dizer, a existencia geral. A aguia do capitolio cubrindo o mundo com as azas grandes muda a sua face. Não ha porem até aqui mais que cegueira, e no meio das diversas civilisações e illustrações lá sobresaem ainda as barbaridades e cruezas, que são um como sêllo estampado na frente das antigas gerações para as distinguir das dessa nova era

que vai começar em Jesus Christo, no divino legislador, no mestre mansissimo. Vem um homem mudar novamente o mundo. — Nasce outra lei, e dessa outra civilisação e outras sociedades. Mas esse homem é o homem Deus. Mas essa lei é o christianismo.

(Continuar-se-ha.)



IDOLO EM BAMIAN, NA PERSIA.

Os povos do Oriente tiveram o habito constante de representar as suas divindades por meio de figuras colossaes, lavradas em pedra com extremo trabalho. Enraizou-se nelles, por todos os modos, a practica de ligarem a idéa de grandeza e poder puramente ao tamanho: nas pinturas dos egypcios, é sempre facil distinguir o heroe, em seus quadros de batalhas, pela circumstancia de sobrepujar muitissimo em estatura a todas as demais figuras; os se-

gundos no mando tambem pela mesma forma se distinguem de seus camaradas: as colossaes estatuas do Indostão fornecem outros exemplos; a Persia [que geralmente segue hoje a seita mahometana de Ali] appresenta algumas de dimensões gigantes, como a representada na gravura, que passamos a descrever tomando por texto a Mr. Burnes (1).

Bamian [Bameean] é afamada pelos colossos

(1) Journey to Bokhara. Vol. 1.º pag. 183.

de seus idolos como por innumeraveis excavações, que se descobrem por toda a parte do valle no espaço de umas oito milhas, e que dão residencia á maxima parte dos habitantes. Um cabeça desacompanhado, posto em meio do valle, está roto por toda a banda, e traz á lembrança os troglodytas (2) dos historiadores d'Alexandre: chamam-lhe cidade de Gulgula, e consiste n'uma continua serie de cavernas em todas as direcções, que dizem ser obra de um tal rei Julal. Os outeiros de Bamian são formados de argila endurecida e de seixos, sendo mui difficil fazer nella excavações, pelo que excita grandemente a attenção o ponto a que estas foram levadas: ha grutas abertas em ambos os lados do valle, mas o maior numero jazem ao norte, onde se acham os idolos: todas juntas fazem uma cidade immensa. Frequentemente se paga a trabalhadores para cavar nesse sitio, e o trabalho é recompensado com o achado de aneis, medallhas, &c. — Ha concavidades por todos os lados dos idolos, e debaixo de um maior póde accommodar-se um batalhão de soldados. — Não ha reliquias da antiguidade asiatica, que mais tenham excitado a curiosidade dos eruditos que os dois principaes idolos de Bamian; cada um representa um dos sexos, e dão-lhes os nomes de Silsal e Shamama: são figuras colossaes, cortadas em relevo alto na materia solida do cabeça. A imagem do gigante [vid. gravura] é a de maior tamanho, pois mede uns 120 pés ao alto, occupando uma frente de 70 pés, entrando outros tantos pelo outeiro dentro o immenso nicho em que foi aberta: está mutilada acima da boca, e as pernas o foram a tiro de peça. A figura feminina é mais perfeita e por metade da grandeza da primeira; aberta, como esta, no mesmo monte a oitenta braças de distancia.

As caravanas que vão a Cabul de ordinario fazem alto e se recolhem nas concavidades inferiores dos receptaculos dos idolos; e das superiores usam como de celleiros os povos das vizinhanças. — A tradição dos naturaes é que estas obras foram feitas, pouco mais ou menos pela era christã, por uma tribu de kaffirs [infieis]: porem os indios gentios as attribuem a seus antepassados e as veneram muito quando por ali passam.

DA EDUCAÇÃO PHYSICA E MORAL DA INFANCIA.

Os LEGISLADORES da antiguidade eram mais sollicitos, mais philosophos que os modernos: quasi que tomavam o homem no bérço para des-

de ahi o irem amparando, dirigindo, cultivando, e indireitando para a virtude, para bem servir a patria; similhantemente ao cultivador zeloso, e discreto, que não perde de vista a planta apenas sahida da terra, conduzindo-a recta, e bem disposta para dar sasonados fructos, e enlevar os olhos pela belleza de sua folhagem, de sua brilhante cópa e de suas flôres. Assim procedêram Lycurgo, Platão, Solon e outros na Grecia, Numa em Roma. Nós os presumidos do progresso abandonâmos ao desleixo, ao capricho, e peor que tudo aos máus exemplos esses amaveis pequeninos entes, em cujos corações como em cêra branda se imprimem indistinctamente o bem e o mal, antes de terem a consciencia de um e outro; que barbaridade! e que responsabilidade!

O Panorama tem já por vezes apresentado documentos, e preceitos d'educação em geral, e não desistirá do proposito em que está de clamar sobre esta primeira, e mais importante das obrigações naturaes, e sociaes: e tendo recolhido uma collecção de maximas de auctores conspicuos que tem escripto sobre a materia, as irá publicando de tempos em tempos, como se fossem despertadores, soando periodicamente aos ouvidos dos pais, e mães de familia. Primeiramente

Sobre a educação physica.

«Não tinha razão, disse Plutarco, esse sabio da antiguidade, o Thebano Crates, quando dizia que se fosse possivel subiria ao lugar mais elevado da cidade para gritar: que fazeis vós infelizes? Vós que empregais todos vossos cuidados em amontoar riquezas; de vossos filhos, aquelles a quem as deveis deixar, apenas vos occupais!

Platão. — Quanto mais uma planta é boa na sua especie, e um animal de boa raça, tanto menos aproveitará, menor preço valerá, se a terra, a cultura, a estação favoravel, ou a nutrição e os cuidados lhes faltarem. O homem não deve ser exceptuado desta regra.

Fenelon. — O que mais que tudo convem nos primeiros annos da infancia é economisar a saude dos meninos, tratar de fazer-lhes adquirir um sangue puro e brando pela escolha dos alimentos, e por um regimen de vida simples; regular suas refeições de sorte que comam quasi sempre ás mesmas horas, e as vezes necessarias; que não se lhes dê comer fóra destas occasiões porque isso lhes sobrecarregaria o estomago, e perturbaria a digestão; que se lhes védem manjares exquisitos, ou de gosto excitante, porque isso os faria comer de mais, e os desgostaria dos alimentos simplicies.

Bacon. — Uma arte existe destinada a formar o espirito, tanto como a afeiçoar o cor-

(2) Povos barbaros d'Africa, que habitavam tocas.

po; é proporcionar o exercício ás forças, e dar tregua aos esforços.

Goguet. — Conforme as leis de Minos, a vida dos meninos devia ser dura e sobria. Costumavam-os a se contentarem com pouco, a soffrer o frio e o calor, a caminhar sobre chão aspero e pedregoso, e a vestir sempre do mesmo modo, e com vestidura simples e ligeira d'inverno e de verão.

Locke. — É preciso que o alimento das crianças seja commum, e o mais simples: o melhor seria não se lhe dar a comer carnes senão depois de passarem os dois ou tres annos de idade; sua saude passaria a 'ser melhor, seu temperamento mais vigoroso então, e em todo o decurso de sua vida. Se um menino vos pede de comer entre as horas para isso destinadas, não lhe deis mais do que pão sêco. Se isto é por ter fome, elle o comerá muito bem; se é por vicio ou golodice pouco importa que o não coma. Bom é acostumar os meninos a se levantarem cêdo; e para isso é preciso que se deitem logo á noite. Não estragueis a constituição de vossos filhos por demasiada ternura, ou indulgencia. Este conselho respeita principalmente ás mães.

Goldsmith. — Exercício e temperança são os dois polos sobre que repousa a educação corporal da infancia.

Sévigné. — Se vosso filho é forte e bem constituido, a educação grosseira é boa; mas se é delicado vêde o não façais morto, querendo-o fazer robusto.

Quintiliano. — Se não podeis alimentar vosso filho, escolhei amas saãs e virtuosas: não consintais que estas contrafaçam a voz, e estropiem a linguagem com pretexto de se amoldarem á comprehensão dos meninos.

Fleury. — Para conservar a saude é bom andar sempre limpo, respirar ar puro, beber boa agua, nutrir-se de manjares simples: não deve cessar-se de repetir isto aos meninos até que o aprendam de côr. Ensinai-os a fazer tudo o que for preciso e rasoavel fazer: estar de pé, interromper a comida, trabalhar a qualquer hora, cortar o somno, e saltar fóra do leito.

ECONOMIA RURAL E DOMESTICA.

Do fabrico da manteiga.

3.º (1).

DIFFEREM segundo os paizes os modos de salgar a manteiga, que é sem duvida a operação mais importante neste ramo agricola-industrial, porque é ella a que constitue genero de commercio aquelle producto. Já demos a

pag. 368 do 5.º vol. um methodo, a que chama inglez a obra, donde o copiamos: agora trasladaremos outros dois que se acham n'uma publicação ingleza, especialmente dedicada á instrucção dos proprietarios e cultivadores de bens rusticos: e cerraremos esta noticia com a prática seguida, para fazer a manteiga, nas Asturias, que se julga ser de toda a nossa peninsula o territorio, onde se fabrica mais deste genero (2). —

Pelo modo usado em Inglaterra, feita a manteiga, lava-se muito bem em vasilha grande e funda: dissolve-se salitre n'agua e deitam-se tres gôtas desta dissolução em cada libra de manteiga, e por cada cinco ou seis libras desta se mistura meia libra de sal commum. O salitre é deitado primeiro que o sal e tanto um como o outro antes de se principiar a mecher e misturar a manteiga. Depois com o batedor se mistura o mais possivel, havendo o cuidado de tirar tudo quanto for estranho: feito isto, se deixa em uma pia de pedra até que se torne outra vez a fazer manteiga, que se repete então o que fica dito, mistura-se com a manteiga que está na pia, e mette-se no barril. Não se deve deitar no barril a salmoura, em quanto não estiver cheio. Cumpre advertir que se deve salgar a segunda porção e mistura-la com a primeira antes de a pôr no barril, cheio o qual se lhe deita salmoura forte e se tapa com um panno. — Quando se tira a manteiga do vaso em que se salga, não se limpa este, mas deixa-se com as rapaduras de manteiga, que ficarem pegadas, e a salmoura que restar, até alguns dias antes que torne a servir; então limpa-se muito bem, e esfrega-se por dentro com sal. Se tiver passado muito tempo e adquirido ranço, depois de limpo, como dito fica, lançam-se-lhe dentro duas pás de terra, cobre-se, deixa-se ficar assim uma noite e limpa-se no outro dia com todo o cuidado.

Outro methodo de fazer e salgar a manteiga, descripto no mesmo jornal inglez, é o seguinte. — As vaccas devem ser mungidas de manhã e de tarde ás 7 horas; guarda-se o leite de cada uma ou mesmo de duas em vasilha de pau, que se deposita na *queijeira* em prateleiras de madeira, por espaço de 34 horas o leite tirado de manhã, e de 22 horas o que é mungido de tarde. Quando a nata se tem formado depois de escumada deita-se em um vaso que deve ter capacidade para conter o leite de toda a semana, e neste vaso, que é um barril largo e assente no seu competente lugar, toma consistencia: depois vai-se me-

(1) O 1.º e o 2.º em os n.ºs 15 e 16 da presente Serie.

(2) O *Farmer's Magaz.* e o *Semanario de Agr. y Art.* na Collec. d'Instrucções da Academia.

xendo de roda muito bem com uma especie de pá até se formar a manteiga. Isto se faz de ordinario uma vez cada semana; e na manhã antecedente lava-se uui bem com agua a ferver o barril em que se faz a manteiga. Depois de bem limpo, deita-se-lhe a nata, e se mexe até que a manteiga esteja separada; escorre-se depois todo o leite ou sóro. — Feita a manteiga se mexe com um gancho comprido, que chegue até o fundo, para se lhe tirar algum pêllo ou outro objecto estranho que tenha ficado. Para este trabalho, se lhe mistura ordinariamente agua bem limpa e fresca, que impede que amolleça a manteiga, e leva algum leite, que ainda possa ter. Finalmente peza-se a manteiga, e em cada cinco ou seis libras se deitam treze a quatorze onças de sal, e se mistura muito bem amassando com as mãos. Deve a mistura do sal ser feita com todo o cuidado, porquanto se não é convenientemente feita e não se encorpora bem o sal com a manteiga, altera-se e não se pôde conservar. Depois de salgada, põe-se no barril, [que deve ser limpo e bem feito para não sahir a salmoura o que arruinaria a manteiga], e se atira por cima com uma mãocheia de sal, para embaraçar que crie bolor e se altere, até a seguinte semana, em que se torna a fazer a manteiga, que se deita no mesmo barril, sem mecher a que já estava: torna-se a deitar mais mãos cheias de sal, e assim se vai praticando todas as semanas até se encher o barril, que depois se tapa completamente. —

Segundo o methodo hespanhol das Asturias, separa-se a manteiga do leite de dois modos, ou batendo-o em panellas, ou em odres de gado cabrum ou lanar: do primeiro modo nos logares baixos onde se faz pouca; e usando das pelles, nas serras, onde é este um ramo principal de industria.

Preparação da pelle, e fabrico do odre. — A rez se hade esfolar tirando a pelle inteira, como se faz com as que são para conter os liquidos; põe-se-lhe sobre a parte carnosa uma boa capa de cenrada escaldada em agua morna, de verão, e fervendo no inverno, e depois se embrulha muito bem sobre a cenrada com o pêlo para fóra, e cubrindo-a com alguma roupa, para que, tomando com o calor e humidade certo gráu de putrefacção, largue o pêlo; o que costuma acontecer regularmente passadas doze horas no verão, e vinte e quatro no inverno, posto que ás vezes varia conforme a temperatura da estação, ou preparação das cenradas.

Estando capaz, o que se conhece pela facilidade com que a pelle larga os pêlos, se arrancam estes com o maior cuidado, e os que

não largam se arrancam ou se raspam á navalha: atam-se as bocas, e enche-se de ar a pelle, deixando a parte pêlosa para fóra, e se torna a raspar para que não fique pêlo algum; assim se deixa ao ar ou antes ao fumo [o que é melhor] até que se seque alguma coisa, o que costuma ser aos oito dias; então se desatam e abrem bem todas as aberturas, e se deixa outros doze dias, ou até que esteja perfeitamente curada.

Sêcca a pelle, para se usar se lava e raspa de novo, para se tirar algum pêlo que tiver escapado das outras operações; as bocas ou aberturas se esfregam entre dois páus para amacia-las: volta-se a pelle da parte do pêlo, e se atam as aberturas, á excepção da principal, que é para deitar o leite. Todos os dias se deve lavar o odre, e cada quinze dias virá-lo, e tornar a barrar [deixando-o em descanso] com uma capa de cenrada para que se limpe bem e adelgace.

O melhor odre é o que é feito de pelle de gado lanar, porque os dos animaes de pêlo são mui seccos, e por conseguinte se tira delles menos quantidade de manteiga; esta tambem se augmenta e melhora com a limpeza, que nunca a este respeito é demasiada.

Modo de ordenhar as vaccas, e fazer a manteiga. — Ordenham-se as vaccas á noite, e deita-se o leite no odre, que se deixa dependurado ao ar livre até ao outro dia pela manhã, que se tornam a mungir; mistura-se este leite com o da noite. Para fazer esta mistura convem atar o odre pelo meio, e não o ajuntar até que se tenha esfriado, porque o calor do leite fresco costuma cortar a nata que se formou de noite.

Os pastores intelligentes, e que tiram maior quantidade de leite, antes de deitarem o leite da manhã no odre, tiram deste o leite da noite, deixando só a nata, para o que deixam aberta uma das suas aberturas debaixo.

Antes de bater o leite o deitam no seu odre a nadar na fonte mais fria que acham, e o deixam ficar uma hora, que é o que basta para nadar perfeitamente: tirado o odre da agua, se põe ao pé do lume ou ao sol, batendo-o brandamente, e vão-se augmentando as pancadas sem descansar, até que se conhece que está perfeita a separação, a que chamam estar maçado o leite, e dura esta operação pouco mais ou menos uma hora; então se tira para fóra, ainda que não todo; e passando o leite e nata para uma parte do odre, se aperta este pelo meio, e faz-se passar o leite para a parte vasia, deixando só a nata, que se espreme nas mãos com força até largar todo o leite: esta operação se repete duas ou mais vezes até

que o leite fique sem nata, e esta sem leite. — Ainda que só a experiencia póde ensinar o gráu de calor que se deve dar ao leite, com tudo ha certas regras de que se valem os pastores, que podem dar para isto muita luz. Posto o odre direito contra a claridade do fogo ou do sol, pega-se com a mão á flor do leite para que salte para a parte vasia, e deste modo em quanto fórma olhos necessita a continuação do calor até que principie a pegar-se alguma cousa aos lados do odre, que então se deve separar um pouco do calor, e continuar até ao fim, observando os gráus porque passa para saber o seu estado; porque depois de pegar-se aos lados, dalli a pouco fórma nata mui gorda e grossa, e por ultimo fórma como uma especie de granito grosso, que corre com velocidade pelas paredes do odre, quando se lhe péga do modo que acima se diz; e é este o signal de estar feita a separação, ou, como se diz, de estar maçado o leite e para extremar.

Este methodo é mui simples e conveniente principalmente nos logares dos montes e do campo, onde faltam as commodidades necessarias.

Cada um faz as vasilhas de que necessita, dos desperdícios das suas cabras e ovelhas; e dos cabritos e cordeiros os currões, que lhes servem de alforjes para conduzir o leite para suas casas nos mesmos odres com a maior commodidade.

Quando os gados mudam de malhadas, o que fazem frequentemente, uma vacca leva todos os utensilios de um pastor atados na cabeça. Sem outras cubas mais do que as fontes naturaes, natam o seu leite, e com a maior brevidade e perfeição; porquanto conservando ellas sempre a mesma temperatura, e penetrando com facilidade a pelle, se separa a nata do leite em uma hora; o que de outro modo se não obteria com igual perfeição em vinte e quatro horas.

MODO EXTRAORDINARIO DE TRANSPORTAR MADEIRAS.

AS MONTANHAS escarpadas do reino de Naples, na Calabria, em cujas bases estão assentadas as cidades de Castellamare, Sorrento, e Nocera, tem na corôa uma grande planicie, povoada de soutos de castanheiros, madeira de que se faz muito commercio, e que se vende já em taboado, já em varas de 15 palmos de comprimento, e tambem a lenha miuda em feixes que servem para os fornos de cal. São mui elevadas estas serras acima do nivel do mar, asperas e intrataveis nas subidas, e cor-

tadas por fundos algares, sem que seja possível abrir caminhos para o transporte das madeiras e lenhas em carros ou de outro qualquer modo; por isso usam alli do seguinte methodo extraordinario, que para localidades semelhantes póde ser mui proveitoso. — Conseguem fazer andar a madeira o espaço de duas leguas, deitando calabres de uma altura superior para algum monte pequeno e mais baixo, em distancias maiores ou menores, conforme a configuração do terreno. Cada calabre ou corda, que tem de diametro quatro pollegadas, se colloca com a inclinação de 30 a 40 gráus. No ponto da partida, a corda está enrolada no tambor de uma cabrilha, bem fixa no terreno; e ha no tambor um páu atravessado para que se não mova em direcção opposta: passa-se a corda por cima de um cavallette a fim de se lhe dar a altura conveniente para se carregar, e dirige-se ao ponto da chegada, onde se enrola em outra cabrilha. Quando se estende a corda está um homem no ponto da partida e outro no da chegada; o da partida ata com corda a madeira, balancea para procurar o centro de gravidade e a prende com uma forquilha de páu ao calabre. Corre com a maior velocidade; e quando chega á outra extremidade no ponto mais baixo, muda-se para uma segunda corda, a que se prende com os mesmos ganchos, e se faz descer do mesmo modo, e assim successivamente ate á raiz do monte, donde um rapaz com um jumento conduz ao primeiro ponto de partida as cordas e os ganchos.

Vi deste modo transportar [diz um viajante] mui grossos toros de madeira, que eram serrados no pé do monte para aduellas de toneis, e do mesmo modo varas de quinze palmos de comprimento, e feixes de lenha, que chegavam e se descarregavam mesmo nos fornos da cal. — *Journal des connoissances usuelles* tom. 1.^o

ANECDOTA.

É TAL a influencia das acções illustres dos homens verdadeiramente grandes que os proprios inimigos as confessam. Na dedicatória dos Commentarios de Affonso d'Albuquerque lêmos que — «um soldado que o sempre acompanhou na guerra, sendo já muito velho, estando na cidade de Goa, vendo as desordens da India, ía-se com bordão na mão á sua capella e batendo na sepultura, em que estava enterrado, dizia. — Ó grande capitão, tu me fizeste quanto mal podeste, mas eu não te posso negar que foste o maior conquistador e soffredor de trabalhos que houve no mundo. Alevanta-te, que se perde o que tu ganhaste.» —